



A CÉU ABERTO. Na rua Vasco Coutinho, no Parque Moscoso, um flagrante do momento em que uma mulher e um menor acendem um cachimbo; logo após, chegam um homem e outro menor. FOTOS: CHICO GUEDES

ENTRE O PARQUE MOSCOSO E O PRINCIPAL MERCADO DA CAPITAL, INDIFERENTES AO POLICIAMENTO, VICIADOS SE REÚNEM PARA CONSUMIR CRACK

Cracolândia fica maior e espalha medo na Vila Rubim

Quem trabalha na região corre para ir embora antes do anoitecer

MAURÍLIO MENDONÇA
mgomes@redgazeta.com.br

De um lado, uma das áreas de lazer mais tradicionais da Capital: o Parque Moscoso; do outro, um dos centros comerciais mais importantes do Estado: a Vila Rubim; e no meio, dezenas de pessoas, desde crianças pequenas a mulheres

grávidas, todos consumindo crack. A cena não acontece apenas de madrugada. Ela se estende pelo decorrer do dia. A Avenida Marcos de Azevedo tornou-se o ponto de referência de viciados e prostitutas do Centro de Vitória.

E com o passar dos anos a situação só piora. O problema, que era registrado apenas na

pequena Rua Construtor Vitorino Teixeira, também conhecida como Cracolândia, agora foi espalhado para toda a região. A insegurança está presente até na Avenida Pedro Nolasco, de grande movimento. Apesar da presença constante da polícia, os usuários sempre retornam após as blitzes.

Todo o local é tomado por jovens e adultos que consomem a droga, dia e noite. Investigações de setores sociais da prefeitura garantem que famílias inteiras estão envolvidas com o tráfico no local.

Mas a intervenção dos adultos impede um trabalho de prevenção com os menores.

Como consequência, surgem os assaltos. O descontrole do vício e a vontade de sempre querer mais transforma comerciantes, clientes e pedestres em geral em vítimas de furtos e roubos. O criminoso é o viciado, que, "fisurado" quando a droga acaba, apela para o roubo a fim de garantir a próxima pedra.

As cenas de medo e dependência química foram vistas pela reportagem de A GAZETA

durante duas semanas. A concentração desses usuários começa ao anoitecer e só termina por volta das 7 horas do dia seguinte. Coincidência ou não, esses são os horários de fechamento e abertura do comércio na região.

Funcionários do Extrabom Supermercados, vizinho da Cracolândia, temem ao chegar cedo para trabalhar e correm do trabalho ao anoitecer. No Hospital Santa Casa de Misericórdia, funcionários e parentes e amigos de pacientes temem ao descer a ladeira do hospital.

São muitos os que sentiram, enquanto o sinal não abria, a ponta afiada de um punhal e a respiração ofegante de um viciado, pedindo dinheiro.

Na Santa Casa ainda há espaço para as outras vítimas: os viciados. Muitos fogem para o local ao ver o patrulhamento da polícia; atrás do muro que contorna a subida do hospital, eles se escondem para fumar, dormir e manter relações sexuais. No pronto-socorro eles pedem ajuda ao serem esfaqueados ou agredidos por outro que, minutos antes, se dizia amigo: amigo do crack.

As polícias militar e civil, que patrulham constantemente o local, sabem da situação. Mas o objetivo principal não é deter os usuários, e sim o fornecedor. Sobre a prostituição o foco está nos locais em que as mulheres atendem seus clientes, como hotéis e casas abandonadas. Esses espaços, além de servirem como prostíbulo, são usados como esconderijos da droga e dos que controlam o crime na região.

SAIBA MAIS

■ A ação do crack é mais rápida que de demais drogas; leva apenas dez segundos para fazer efeito. Os vapores da droga, depois de queimada, vão para os pulmões e são transportados mais rápido para a corrente sanguínea, o que faz a reação psicotrópica ser mais rápida para o usuário

■ Ao ser consumida, o usuário sente euforia e excitação; além de ter a respiração e os batimentos cardíacos acelerados, seguido de depressão, delírio e "fissura" por novas doses

■ O efeito devastador da droga é de 5 a 7 vezes mais potente do que o da cocaína. O crack afeta o sistema nervoso central e pode causar lesões permanentes. Provoca alterações no ritmo cardíaco, convulsões, hipertensão e pode desencadear doenças psiquiátricas

■ Dores de cabeça, tonturas e desmaios, tremores, magreza, transpiração, palidez e nervosismo são consequências de quem consome a droga

■ Outros sinais do uso são euforia, desinibição, agitação psicomotora, taquicardia, dilatação das pupilas, aumento de pressão arterial e transpiração intensa. São comuns queimaduras nos lábios, na língua e no rosto do usuário, pela proximidade da chama do isqueiro no cachimbo onde a pedra é consumida.

O TRÁFICO NA CRACOLÂNDIA

Estão envolvidos os bairros Ilha do Príncipe, Vila Rubim e Parque Moscoso

ONDE FICAM OS USUÁRIOS?

1

Avenida Marcos de Azevedo

2

Ladeira Santa Clara

3

Ladeira da Santa Casa (escondido atrás do muro de um terreno baldio)

4

Rua Construtor Vitorino Teixeira (Rua da Cracolândia)

5

Rua Vasco Coutinho

6

Avenida Pedro Nolasco (funciona como rota de fuga, saindo da Rua da Cracolândia)

7

Becos da região

8

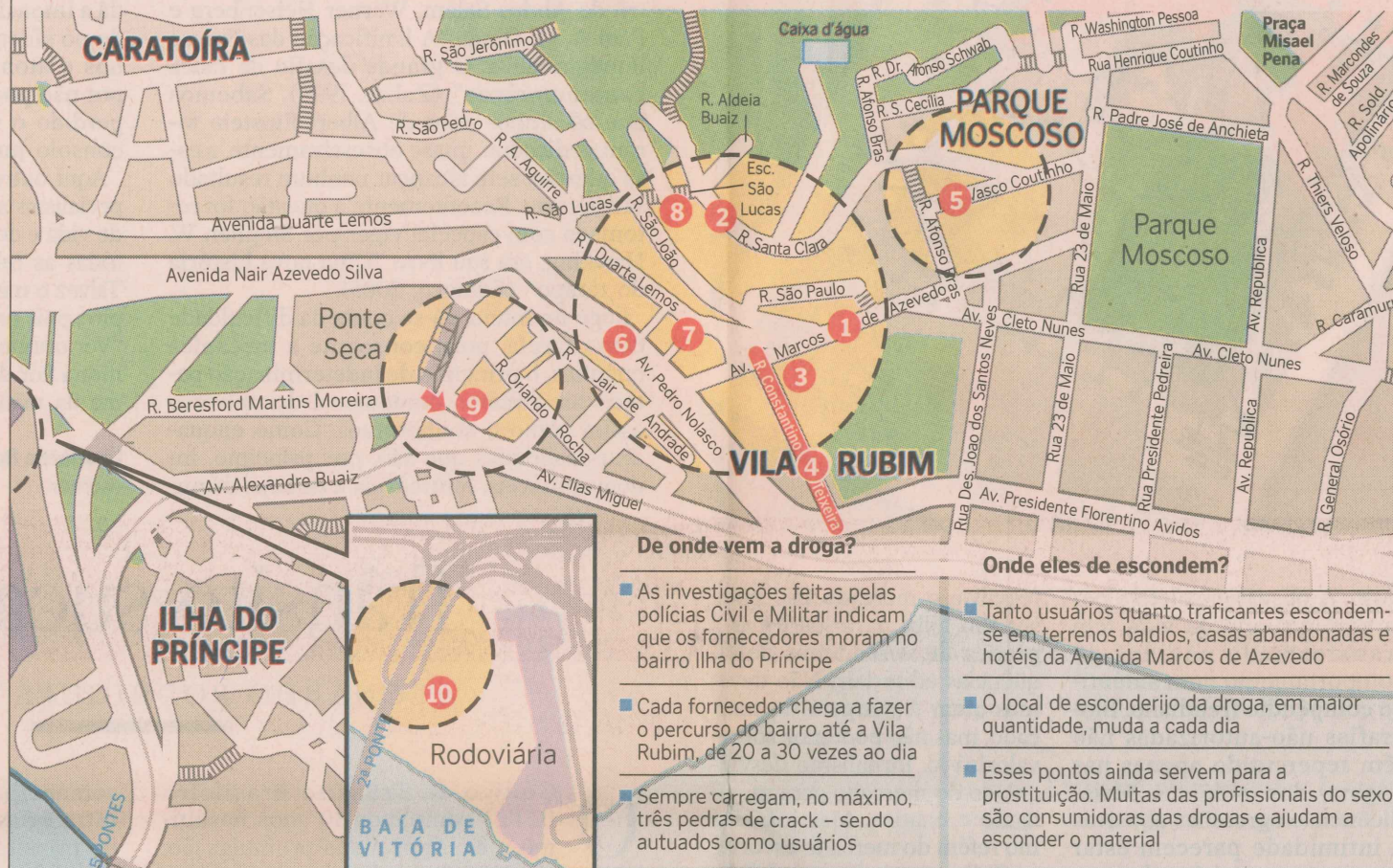
Escadarias da região

9

Região da Vila Rubim, próximo à ponte seca. Área de acesso de pedestres no percurso da Avenida Elias Miguel (o asfalto fica acima da calçada e os usuários se escondem no local)

10

Região próxima da Rodoviária de Vitória, principalmente debaixo da Segunda Ponte e na saída da Ponte Florentino Avidos (Cinco Pontes)



Presas em casa, moradora filma consumo

Uma das moradoras da região da Cracolândia cansou de esperar por uma ação mais direta da polícia e começou, por conta própria, a filmar em seu celular cenas de usuários de crack consumindo a droga na rua em que ela mora. Ela chegou a flagrar o consumo até mesmo na porta de sua casa. "Essa situação se mantém

há três anos e a polícia não faz nada. Se quisesse prender, fechava a rua, que tem apenas duas entradas e pegava todos eles de uma vez só", reclama.

Por conta da insegurança na região, a mulher, que trabalha como artesã, vem perdendo clientes nos últimos anos. Todos com medo de ir até sua casa e depararem-se com algum usuário. "É o me-

do de ser assaltado", diz.

A artesã, por sinal, teve sua residência assaltada quatro vezes. E diz que vive sendo vigiada pelos usuários, do alto da pedra em que se escondem, que fica de frente à sua casa. "Em um dos assaltos, eles levaram o documento de meu marido. Meses depois chegou um carnê de IPTU da prefeitura, cobrando por uma oficina mecânica que ficaria em

minha garagem. Mas não temos tal oficina, basta vir aqui e ver", conta.

Segundo a moradora, enquanto a situação não for resolvida, ela vai permanecer filmando as cenas, escondida dentro de casa. "A última vez que liguei para a polícia falaram que era para eu me mudar, caso estivesse insatisfeita. Eu vou para onde? Para a casa dele (do policial)?"

Dificuldades para ajudar os menores

Ação do Conselho Tutelar fica limitada sem um trabalho maior de segurança pública

Os pais ou responsáveis das crianças e adolescentes em situação de rua correm o risco de serem multados, tomar algum tipo de advertência ou, até, perderem a guarda de seus filhos, caso seja comprovado o abandono do lar.

No caso das crianças e dos adolescentes que encontram-se em situação de rua na região da Cracolândia a situação não é diferente. Mas quando fica comprovado que esse jovem está envolvido com tráfico de drogas, ele é direcionado à Delegacia Especializada de Adolescente em Conflito com a Lei (Deacle).

"Quando são crianças, o Conselho ainda pode intervir, chamando a família e advertindo no primeiro caso. Para os adolescente, em caso de delito, cabe à polícia civil dar continuidade", explica a conselheira tutelar de Vitória Sandra Kátia dos Santos.

Ela disse, ainda, que o trabalho desenvolvido em parceria com o grupo de Abordagem de Rua do município é prejudicado pela ação de adultos na região. "Enquanto não houver um trabalho de segurança pública, fica difícil abordar essas crianças e convencê-las a sair do local", afirma.

Outra crítica da conselheira refere-se aos espaços públicos destinados ao tratamento de dependentes. "Hoje o espaço criado pelo município não atende aos interesses dos jovens, pois ele foi feito para adultos", aponta Sandra.